

# "PRÍNCIPE DOS POETAS"

**O PREFEITO E O PRÍNCIPE** — Campinas recebeu ontem o Príncipe dos Poetas, Guilherme de Almeida, que, a convite do Círculo Militar e do Clube dos Poetas, cumpriu intenso programa em nossa cidade.

O «Príncipe» chegou às 16,40 horas, e imediatamente dirigiu-se ao Palácio dos Jequitibás, onde foi recebido oficialmente pelo Prefeito Ruy Novaes (foto).

Todo o secretariado municipal foi aguardar a chegada do poeta nas escadarias do Palácio, e em companhia do Major Rodolpho Petená, dos secretários e de toda a comissão de recepção, Guilherme de Almeida dirigiu-se ao gabinete do Chefe do Executivo, onde foi recebido por Ruy Novaes.

Logo a seguir, em companhia de grande número de pessoas, descerrou a placa que denomina "Dr. Estevão de Almeida" a uma das ruas da cidade, em homenagem a seu pai, e a seguir, em carro oficial da Prefeitura, percorreu longamente as ruas centrais da sua cidade natal.

A noite, na "Cabana" do Círculo Militar, os expedicionários prestaram sua homenagem ao poeta campineiro, bem como a Banda da Escola Preparatória de Cadetes do Exército. Logo a seguir, com a presença de inúmeras autoridades, jornalistas, artistas e intelectuais, teve lugar o jantar que contou com diversos números artísticos e que marcou o final das homenagens prestadas a Guilherme de Almeida.

## A FALA DO PRÍNCIPE

Agradecendo a homenagem de que foi alvo o poeta Guilherme de Almeida, proferiu a seguinte oração:

"CAMPINAS, PRINCESA DO OESTE  
ALTEZA:

A ordem excelsa com a qual houve por bem vossa munificência trazer-me por instantes para ao pé do vosso sólio, é prêmio que excede qualquer galardão que pudesse a minha prosápia almejar. Ora, no íntimo inquirir-me dos motivos de tal feminino, lisonjeiro capricho, resvalou inevitavelmente meu pensamento pela escorregadia rampa das similitudes. Os títulos. O principado. O vosso e o meu. O vosso, uma imposição da História. O meu...

Permiti-me, Alteza, uma leve, talvez leviana, mas oportuna evocação. Quando, no dia 22 de outubro de 1959, na Academia Brasileira de Letras recebia eu o ideológico laurel, foi com as seguintes palavras que iniciei a minha "Mensagem": — "O príncipe não é o principal. O principal é haver, entre as muitas terras do utilitário mundo de hoje, uma terra útil em que ainda sonha".

Ora, essa "terra útil que ainda sonha" porque acredita nos poetas, essa terra, neste instante, é esta nossa, bem nossa, sempre nossa, só nossa, cada vez mais nossa Campinas. E é no simplório desejo de me sentir à altura de Vossa Alteza que vos rogo, Senhora, a graça de relembrarmos, juntos, o que eram, como eram, no meu tempo, estes doces chãos em que folgamos, infantes. Esse "meu tempo": o Ano da Graça de 1902, vindo eu do Rio Claro para cursar o primeiro ano no Ginásio já famoso. Essa Campinas: a familiaridade. Estou dando a esta palavra um ultra-sentido que os dicionários informam: o de um respeitoso, embora íntimo, coletivo e bom sentir-se "em casa". Minha casa: casa da Dindinha, Rua Barão de Jaguara, 86. Ali, em frente, a de Moça Franco. Aqui, ao lado, à esquerda a de Nhanhan Lapa... (Ah! minha "Ballade des cames du temps jadis"!).

Campainhando, campainhando, vem vindo o bonde "Aquidaban": três bancos só e dois burrinhos

de olhos meigos. Vou eu a pé, rumo ao Ginásio, meu pega-livros de cadarso, o porta-lanche a tiracolo. Na esquina de cá é o Rink: seu circo e sua pantomina aquática. Na de lá, adiante, é a Casa Genoud: livros, cadernos escolares, lapis-de-cor, estojo com compasso, régua e tira-linhas. Agora é o Largo do Rosário: seus jogos de água sob alecrins. Além, o Christofani: absinto para meu tio Eurídio, "anisette", com sifão para mim. Já na Praça, na esquina, o "Livro Azul", onde vi a primeira fita de cinema: "L'arroseur arrosé", dos Irmãos Lumière. Ao fundo, a Matriz velha: minha primeira comunhão no dia de meus anos: no braço, o retrato no fotógrafo Nieckelsen; almoço festivo, em casa, fios-de-ovos e papos-de-anjo de Dona Lucinda, a doceira... O Ginásio: fala-se em Coelho Neto que eu não via nunca, e numa tal "Pastoral", que eu não sabia o que era. Mas foi minha a primeira bola e minha a primeira chuteira do primeiro futebol que em Campinas se jogou. Passou 1902. Agora, já meus pais estão em São Paulo: e eu lá, no Ginásio São Bento, 3.º ano. Subito, um desmaio, no recreio: dois meses entre a vida e a morte. E, miraculado convalescente de duas febres letais, sou levado por Dom Nery, o grande prelado campineiro e amigo da família, para o Colégio S. José, de Pouso Alegre, Minas, seu novo bispado. E foi a, que, uma noite...

... na sala calada e triste do Estudo, sob a pálida luz do acetileno, a mão sobre o caderno aberto na carteira, o lápis entre os dedos, senti que estes, tamborilando, de leve, contavam: contavam qualquer coisa como um pulso, um novo pulso, que não era das artérias, e que espantosamente acontecia. Mas, por quê? Para quê?... Era uma imensa coisa como o Verbo. Onipotente coisa como o Fiat. Encantadora coisa como o Ritmo. E eu, pasmo: — O que será?... Sôa bem... E' bonito... Mais do que a palavra, mais do que a musica, mais do que o pensamento... Uma coisa de milagre... E assim,

como de mim há de partir uma alma,  
de mim partiu o meu primeiro verso

Campinas, amoroso amada minha: | — De vós trazendo a luz do meu primeiro dia, | o amor dos meus e o amor aos meus, | eu deixei de ser "eu" para ser "NÓS". | E foi-me sendo a vida | uma DANÇA DAS HORAS que fugiam | e o respingar num farto MESSIDOR, | com meus momentos de

**Alteza Sereníssima:**

Porque de vós provindo e, pois, benvindo é tudo quanto hei sentido, pensando e dito por todo um meio-século de versos mais diversos, glória bastante para mim é o a vosso lado sentir-me, como agora estou, vosso, bem vosso, todo vosso «par droit de conquête et de naissance».



meditação | relendo o LIVRO DE HORAS | DE SÓROR DOLOROSA que é a saudade. | Saudade, sim, da infancia, das histórias, | do ERA UMA VEZ um príncipe de sonho, | ou um pastor da Grécia lamentando | A FLAUTA QUE EU PERDI junto a uma fonte | na qual se enamorara de si mesmo | Narciso, A FLOR QUE FOI UM HOMEM. | Eis que desse erudito ENCANTAMENTO | brusca mente me volto à realidade | do mundo que era o MEU, da RAÇA que era a minha | e da SIMPLICIDADE e amor com que escrevi | minha ultima CARTA A MINHA NOIVA, e | e resolvi tratar a vida por VOCÊ | e desafiar o ACASO ao lhe confiar | CARTAS DO MEU AMOR; | e sem variar | o meu destino de POESIA VÁRIA | que, se olhou para trás, mulher de Loth, | fez-se o ANJO DE SAL, ou dormitou | no seio de ACALANTO DE BARTIRA. | Agora, a marcha-a-ré no Tempo: as renascidas | língua e poesia balbuciando falas | de um antigo e PEQUENO ROMANCEIRO. | Mas, bruscamente, uma descida à RUA, | à realidade de hoje, nua e crua, | que nem vê perpassar pelo passeio | alguém que leva na lapela, | sobre o seu coração, uma flôr simples: | mais que rosa, um amor, mais que amor, uma rosa: | — ROSAMOR!

GUILHERME DE ALMEIDA